

## **O DESAFIO DAS RELIGIÕES**

*A modernidade trouxe, sem dúvida, grandes benefícios para a humanidade. Educação, saúde, organização social, trabalho, comunicação, transportes, eis alguns setores que muito ganharam com as conquistas da técnica e com as medidas racionalizantes da ciência. Contudo este predomínio da racionalidade funcional ocasionou também sérias disfunções sociais, pobreza e sofrimento crescentes, enfraquecimento da ética e explosão de violência. Além disso, a modernidade não forneceu orientações que ajudassem hoje o indivíduo a construir sua identidade social na atual e pródiga sociedade pluralista.*

*Menos confiantes que seus pais nas possibilidades da razão, decepcionados com as grandes ideologias, encontram-se nossos contemporâneos mais sensibilizados com os valores da tradição. Outrora depreciada, é hoje cultuada, em verso e em prosa, seja como cultura, seja como religião. Por todo o mundo emergem fortemente as culturas oprimidas ou silenciadas, demonstrando sua necessidade para que o ser humano chegue a ser tal, bem como sua atualidade numa sociedade onde só se respira o quantitativo e o econômico. Assistimos espantados a velha Europa caminhar para uma unificação econômica e tender simultaneamente para uma maior divisão cultural. Do mesmo modo, contrariando as previsões dos estudiosos, entra ruidosamente em cena a religião.*

*Fenômeno complexo este da volta do sagrado. Talvez por acontecer numa sociedade pluralista e altamente diversificada como a nossa. O que tem a ver a expansão vitoriosa do islamismo com o aparecimento dos cultos orientais nas grandes metrópoles do Ocidente? Ou como julgar a propagação crescente dos pentecostais, o surgimento desenfreado de sincretismos para todos os gostos, ou o eclodir militante do cristianismo nos países outrora comunistas? No Terceiro Mundo, sofrendo as conseqüências piores da crise econômica mundial, a situação dramática das camadas mais pobres presta-se à exploração inescrupulosa por parte de guias religiosos interesseiros e ávidos de dinheiro. Em nosso país este embuste criminoso se realiza pelo uso dos símbolos cristãos, que sofrem assim um contínuo desgaste semântico.*

*O pluralismo cultural nos obriga a conviver com o diferente, a respeitar o exótico, a aceitar o estranho. E os modernos meios de transporte e de*

comunicação tornaram outras religiões vizinhas à nossa. A sociedade atual se assemelha assim a um mercado religioso, onde os diferentes produtos são generosamente oferecidos ao público. Como cada crença se apresenta como verdadeira, há uma inevitável relativização de todas elas. Como cada sistema religioso haure sua força de atração enquanto via para salvação, estabelece-se também uma situação de concorrência e de conflito. O movimento ecumênico diminuiu, mas não elimina esta tensão, mesmo porque não é aceito por todas as denominações cristãs.

Embora possamos encontrar uma religião expressa em culturas diferentes, ou uma cultura que abrigue várias religiões, observamos que, comumente, as diversas religiões aparecem expressas em culturas diversas. O fator cultural tem enorme peso na religião professada. Para os que vivem numa determinada cultura sua religião é vital, não só porque transparente em suas expressões, mas também porque estas últimas iluminam e estruturam o cotidiano vivido no interior da cultura em questão. Uma religião tematizada noutra cultura apresenta-se com expressões "inexpressivas" e, principalmente, ineficazes para iluminar e estruturar as situações existenciais vividas por um determinado povo. Daí o desafio da inculturação hoje fortemente percebido pelo cristianismo. Mas a história nos ensina que este processo é muito lento e demorado, o que significa que as Igrejas cristãs deverão aprender a conviver com as outras religiões.

No Brasil, depois de séculos tranqüilos de uma hegemonia oficial, o catolicismo sente que lhe falta experiência, seja para sobreviver no interior da sociedade moderna, seja para conviver com outras religiões. Daí a dificuldade, por parte de seus responsáveis, em definir uma linha clara de ação. Por parte dos fiéis, devido a uma evangelização insuficiente e ao individualismo dominante, constata-se uma sangria contínua de católicos que deixam a Igreja por outras crenças. O fenômeno atinge todas as classes sociais e não se limita somente ao meio urbano.

O próprio fato da pluralidade de crenças, a coexistência tranqüila de sistemas religiosos, o clima de tolerância religiosa hoje dominante, podem levar o cristão ao indiferentismo. No fundo todas as religiões são boas e verdadeiras. Pertencer a uma ou a outra depende de fatores acidentais: tradição familiar, país ou região de nascimento, encontro com pessoas ou acontecimentos significativos. E já existe muita gente pensando assim.

A sociedade moderna apresenta amplos setores secularizados. Nestes, frequentemente, os símbolos religiosos representam apenas resquícios anódinos do passado, sem influência real na vida das pessoas. Este fato leva naturalmente os cristãos a valorizarem qualquer religião, desde que vivida com seriedade. Ruim seria não aderir a uma religião alguma, pois todas elas nos levam a Deus, ajudam-nos a vencer as tentações do egoísmo e do materialismo, fortalecendo-nos nos momentos críticos e incentivando-nos a prosseguir no bem.

Esta atitude complacente diante do variegado fenômeno religioso atingiu também a teologia nos últimos anos. Em parte pela abertura demonstrada pelo Concílio Vaticano II com relação às outras religiões. Manifestando todo seu otimismo salvífico, afirma claramente a possibilidade de salvação para todos os que se encontrem fora do cristianismo (GS 22; LG 16). Além disso vê nas outras tradições religiosas um "raio desta Verdade que ilumina todos os homens" (NA 2), aceita nelas a presença de "sementes do Verbo" (AG 1), reconhece que buscam encontrar respostas "aos enigmas escondidos da condição humana" (NA 1) e alude ao bem semeado não só "no espírito e no coração dos homens", mas também "nos ritos e nos costumes dos povos" (LG 17), embora devendo ser "sanado, elevado e consumado" (AG 9). O documento *Diálogo e Anúncio* reconhece que "pessoas sinceras, inspiradas pelo Espírito de Deus, marcaram a elaboração e o desenvolvimento de suas respectivas tradições religiosas", embora nem tudo o que nelas se encontra seja "fruto da graça" (DA 30).

Sensibilizados por um conhecimento maior da riqueza e profundidade mística encontrada nas grandes religiões milenares, sobretudo da Índia, grupos significativos de teólogos começaram a repensar o relacionamento do cristianismo com as mesmas. A ação missionária do passado, quando as Igrejas cristãs desvalorizavam de antemão estas religiões e consideravam seus ritos como manifestações diabólicas, é hoje condenada como prepotente e arrogante. No encontro entre as religiões nenhuma pode mais se apresentar com ares de superioridade, de dona exclusiva da verdade ou do caminho salvífico.

Contudo a postura subjetiva exigida num autêntico diálogo inter-religioso pode levar a conclusões de ordem objetiva, que são simplesmente mortais para o cristianismo. Assim a equiparação de todas as religiões, por serem todas elas tematizações, em contextos sócio-culturais diferentes, da mesma experiência de Deus. O caráter semita do cristianismo nascente explicaria e relativizaria as afirmações neotestamentárias sobre Jesus Cristo como único mediador entre Deus e os homens, ou como salvador universal da humanidade. Alguns consideram mesmo a encarnação do Verbo divino uma expressão mitológica, apenas indicando a presença da graça de Deus em Jesus de Nazaré, como também esteve atuante em Maomé, Buda e Krishna. Como vemos, coloca-se em questão a própria divindade de Jesus Cristo, bem como a universalidade de sua salvação. Podemos ainda falar de cristianismo? Não faltam ainda alguns que propugnam uma única religião universal, desde que cada uma das tradições religiosas renuncie àquelas características que geram resistência nas outras. Este produto final teria então um papel mais forte e decisivo para a paz mundial e a justiça entre os povos. O projeto dispensa comentários.

Contudo não podemos negar a novidade da atual situação do cristianismo. Dela surgem desafios que poderão mudar sua configuração histórica. A unidade do plano salvífico de Deus e a universalidade da ação do Espírito questionam o cristianismo sobre o papel das outras religiões no desígnio divino, não mais aceitam um juízo a priori sobre seu valor salvífico, indagam sobre

*o sentido das Escrituras não cristãs, exigem humildade e abertura no diálogo inter-religioso e um repensamento profundo do que deve ser a atividade missionária da Igreja. É dentro deste contexto que adquire sentido a Redemptoris Missio de João Paulo II, seguida pelo documento Diálogo e Anúncio.*

*Estamos certos de que o cristianismo sairá mais forte e enriquecido do diálogo com as outras religiões. Ao acolher o que o Espírito nelas depositou, deve porém conservar sua identidade. As outras religiões, por estarem vazadas em outras culturas, poderão lhe oferecer perspectivas novas para a leitura do evento Jesus Cristo, que certamente tornarão o cristianismo mais pleno e universal, a saber, plural e realmente planetário, porque acessível e significativo para todos os povos.*